

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

União Republicana

A «República», muito pre-sado e distinto colega, de Lisboa, pôs inteligente e afoutamente a questão. Damos-lhe nosso inteiro, sincero aplauso, afirmando, com nítida consciência da responsabilidade assumida, ser, neste momento, a mais perfeita união de todos os republicanos, quaisquer que sejam as suas orientações partidárias, o primeiro e mais fundamental de nossos deveres civis.

E' a mais grata homenagem aos mártires do passado, cuja herança espiritual carinhosa e devotadamente precisamos de honrar; é o melhor preito em memória de tantos companheiros de luta, formosíssima pleiade, que a fatalidade avara da morte nos levou, nomes que só por si enobrecem a nossa fé e marcam uma nacionalidade; é ainda um imperativo categórico a que necessidades iniludíveis nos sollicitam, seguro penhor e única certeza perante as novas gerações e o futuro, de que saberemos integral e honestamente cumprir, em harmonia de esforços, o vasto programa da sã democracia; e é, enfim, a melhor virtude na hora presente. Um dever cívico.

Tão claro, tam inofensável, tam elementar, que só a perniciosa cegueira partidária, o venenoso egoísmo na ânsia do salto de tigre, a cobardia hipócrita e furta-côres, ou a reles moleza acomodaticia, o podem negar. E negá-lo é um erro gravíssimo, e agorarento prenúncio de muitos erros nefastos.

Esses, os republicanos ver-

dadeiros, incessantemente sacrificados por um interesse superior, nunca pelo interesse pessoal, não mais estão dispostos a tolerá-los. Não mais!

A República pode contar, sem medo e sem nódoa, com todos os verdadeiros republicanos para a luta dos princípios, a necessária e fatal renovação das ideias, e para dar executiva realidade aos seus princípios, em marcha, afinal, declarada ou forçadamente, no mundo civilizado — ninguém mais nos arrancará um passo para as conflagrações, vergonhosas e estereis, dos amúos e dos caprichos entre os homens. Dos homens, as ideias e os factos. Mais ou menos, sabe cada um para onde vai, e com o que pode contar. A hora actual não se compadece com subterfúgios. Pretender illudilo, é render-se de mãos atadas: é fazer, na vida civil, o papel do embuscado da guerra.

A nossa união, sendo o primeiro dever do republicano, impõe-se como o mais alto dever patriótico. Não o tomem como vão lamento de arrependidos; oiçam um brado confiante e entusiasta no futuro republicano.

Somos uma geração de sacrificados — ao menos saibamos honrar o nosso breve e fatalissimo trânsito: unindo os valores fomos das novas gerações, corajosas de acção, as gerações que nos precedera, nobilissimas do mais puro ideal.

Propagai «A Velha Guarda»

General Norton de Matos

A bordo do paquete Flandria, seguiu para a Belgica no dia 17 do corrente, o prestigioso republicano e indefectível democrata, que, a convite do governo Belga, vai realisar em Antuerpia, uma conferencia sobre a nossa acção colonizadora em Africa.

No cais de embarque estiveram a despedir-se do illustre official do exercito e distinto colonial muitos dos seus amigos pessoais e politicos.

Que faça uma feliz viagem, são os nossos mais ardentes desejos.

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»

Pedra tumular que se parte

A nossa illustre edilidade, necessitando fazer um concerto num degrau das escadas do Jardim Público—zás!—não esteve com mais aquelas e obrou da maneira seguinte: Foi á antiga igreja de S.ª Clara, encontrou uma pedra tumular na medida, e sem mais aquelas mandou-a partir ao meio, e applicou-a no degrau da escada.

Ora, convém dizer que se tratava duma pedra com um brazão esculpido, e digno, talvez, de figurar no Museu Alberto Sampaio—segundo o critério do formidável arqueólogo, sr. Alfredo Guimarães.

Contudo, como nenhuma reclamação fosse feita, interrogamos os nossos bofões desta maneira: «On-de estão os arqueólogos desta terra?»

Positivamente já não há arqueólogos em Guimarães.

Notas à margem

Uma quadra

Ao tempo em que D. Pedro II, Imperador do Brasil, visitou Portugal, o Ministro da nação irmã, acreditado junto do nosso governo, fazia versos (se o leitor se irritar com o pretenso galicismo, aceite como desculpa o não quereremos chamar poeta ao diplomata, nem mesmo dizer que ele escrevia versos). Ressuscitamos para a curiosidade vimaranense esta colorida e risonha quadra:

«Do Ave gentil e aprazível
Sobre as margens pitorescas
De Guimarães ás muralhas
Verde-gaias vinhas cercam.»

Adorável

O grave e circunspecto «Comércio do Porto» mandou à festa dos Remédios, em Lamego, um dos seus mais sisudos colaboradores. O hominho, porém, deslumbrado e capitosado, perdeu a cabeça. E deitou na gazeta estas pérolas literárias: «Passeamos. No alto do Santuário, vamos encontrar, coberto de povo, vergado ao peso de mil canseiras, gasto, exausto, o padre Anibal Barros, a alma das festas este ano». Mais adiante: «Voam sobre a cidade três aeroplanos. A Cruz de Cristo ergue os olhos todos para cima. O povo entusiasma-se. Os aviadores fazem prodígios, contorcendo os aparelhos». Pormenorizador: «O fogo é um número... Há quem cultive este género de diversão visual como os ingleses o tabaco de mascar». Extático e sublime: «O povo olhava, espantado, numa admiração estranha que o plasmava à terra». Delicioso, o vinho de Lamego! O vinho e o presunto.

Dr. Celorico Gil

Mais um lutador, audaz e combativo. Honesto e rude, que a morte impiedosa nos levou. A pureza dos seus princípios, num animo varonil, dava-lhe por vezes uma feição irritante. A sua tentativa no jornalismo impõe-no à nosso consideração. Era um bom republicano. Não há melhor necrológico, nem mais grato ao seu coração.

«Quando os indivíduos perderam por completo a coragem viril de afrontar a vida com as próprias forças e o orgulho de triunfar das dificuldades pelo próprio esforço, procuram à sua volta o arrimo de alguém que os salve e os governe. Então, todo o sentimento de independência se evapora, e toda a ideia de liberdade sã falso; possuí-os, ao contrário, um volutuoso desejo de obediência e servidão.»

De Mário de Castro,
na Seara Nova.

União Nacional

Os jornais começaram a publicar os nomes dos indivíduos que, em diversas localidades, constituem as comissões politicas da União Nacional.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

VELHARIAS FORENSES

Por Eduardo d'Almeida

V

(Conclusão)

O Boticário Raimundo tambem não esteve com entaramelices. Ao entrar, descia as escadas o Carvalho carpinteiro, estando o arguido a tentar desembaraçar-se e do Manuel padeiro e de sua compadecida filha. Realmente, a casa estava em socêgo, e uma tia do rapaz lhe disse que fóra tudo uma bagatela. Acomodado, o Francisco tratara de vestir-se e estava a atar um lenço ao pescoço quando foi a casa invadida por dois cabos de Policia, com a baioneta armada. Ele aconselhou-os a sair, mesmo porque não fóra pedida a sua intervenção. Como hesitassem, o moço, energicamente, mas desarmado, quis arremeter para que desimpedissem a casa. E os homens foram-se em paz. Mas eis que entra e sobe o Administrador do Concelho, com dois soldados, a quem, já na sala, mandou armar baionetas e deu voz de prisão ao Francisco. Este retorquiu não poder ser preso sem culpa formada, ou em flagrante, assim, dentro da própria casa, ao que o Administrador obtemperou que, na cadeia, daria as suas razões. O rapaz voltou a notar que era um abuso de autoridade, lançando-lhe então o Administrador as mãos ao colete, a gritar que iria espetado nas baionetas. Francisco encostou-se à cama, cruzou os braços e disse que, se quizesse, o mandasse espetar. Ouvidas a Tia e Irmã do rapaz, acabam de pôr tudo a claro. Houvera uma pequena e familiar altercação entre o Francisco e a Irmã. Como falassem mais alto, o senhorio, que morava nos baixos da casa e queria por força e sem razão despedi-las, aproveitou o ensejo. Subiu, com a familia, sem que ninguém tivesse chamado por socorro, escadas acima, entrou pelo quarto dentro, pegou numa arma velha, que estava atrás duma porta, e desatou loucamente a gritar por à del-rei que o Francisco queria matar a irmã. E logo a casa foi violentamente invadida por toda a malta da vizinhança. Semelhantes declarações são confirmadas por várias testemunhas, inquiridas no próprio acusatório. Pois, e não obstante a manifesta inépcia, as torpes contradicções e a disfarçada inimizade das primeiras, como levemente frisamos, o rapaz foi jul-

gado em audiencia geral, pelo crime de uso e porte de armas! Das armas que ele não usou, das armas que, em busca, foram encontradas na casa paterna! Sem se ouvir o pai, um escrivão, que estivera na comarca e exercia então seu mister em Vila Nova de Cerveira, e, no fim do processo, as vem reclamar e as levanta! Mas o rapaz teve um grande advogado a defendê-lo—o Doutor Benito António de Oliveira Cardoso. A contrariedade ao libelo do M. P., então a cargo do Delegado Joaquim dos Prazeres Soares, é conciso, preciso e enérgico.

Ali se reprende o escandaloso procedimento de quem entrou em casa alheia, a pretexo de barulho, que não existia, e de socorros, que ninguém pedira; que o Carvalho carpinteiro se achava culpado em Juizo pelo crime de salteador e se mostra a refinada hipocrisia, mentira e inimizade de outras testemunhas do sumário; que ninguém de fé vira o arguido usar de armas; que, aliás, como mostraram os dois exames periciais, não serviam para dar fogo, e pertenciam ao pai do acusado; e se verbera o procedimento da autoridade administrativa, que chegou ao excesso de invadir a casa, arbitrariamente, e com a mais escandalosa ofensa das Leis e da casa de um cidadão. O julgamento realison-se a 4 de Março de 1856. O Juri deu como não provado por unanimidade o quesito em que lhe era perguntado—«se o crime de uso de armas prohibidas, e uso das que o não são, mas sem licença da Autoridade, e fora das casas em que delas podia usar e do que o Reu era acusado no libelo, estava ou não provado», pelo que o Juiz mandou o Francisco em paz. Não sabemos para onde o destino levou quem, em tam moço, sabia assim carinhosamente zelar, na ausencia do pai, a dignidade da irmã e activa e energeticamente repelia os atropelos da autoridade e o fanico de escandalo da reles vizinhança; mas sabemos que da Benta e outras testemunhas comparsas desta picaresca mas revoltante peça judiciária ficaram magnificos exemplares para flagelação dos inocentes, isenção dos calpados e tormento de quem tem de os aturar. Amen.

Assinai «A Velha Guarda»

Um anúncio

Do «Diário de Noticias»: «Hymlneu — Conde, 39 anos, com 15 contos e economizando 300.000 rs. mensais, deseja corresponder-se com donzela, até 25 anos, nas mesmas condições.»

«Portugal é um país que todos dizem que é rico, povoado por gente que todos sabem que é pobre.»

De Eça de Queiroz.

Almanaque da «Humanidade» para 1931

A aparecer em fins de Outubro próximo futuro.

Este almanaque, pelas indicações uteis que contem, é para os liberaes o mesmo que os almanaques religiosos são para os católicos.

Todos os que desejem adquiri-lo, podem-no fazer na Papelaria Central da Praça de D. Afonso Henriques, 12 e 13; e na Papelaria Novidades, da rua da Republica.

PREÇO—3\$00

Como deve ser interpretada a «União Republicana»

XIII

Nas cartas até hoje dadas á publicidde, apontei erros e marquei com nitidez a verdade da união dos republicanos que é como quem diz—a única solução de momento para a remissão desses erros e para ocasionar um maior prestigio do regimen.

Falei na generalidade e também encarapucei opiniões que directamente diziam respeito ao nosso concelho.

Procurei dentro do possível, sem artificialismos e sem adjectivação balôfa, demonstrar que só por um esforço colectivo se poderão vivificar ideias e impôr princípios.

Comparei factos. Deduzi opiniões.

Quiz tornar proveitosa a lição do passado para melhor reconstruir o futuro.

Sinceramente ensaiei a teoria que vem sendo a aspiração das massas republicanas.

Hoje, porém, entendo que necessário se torna descer á prática. Toda a teoria é principio, mas a prática no-la demonstra—e vamos á prática!

E muito embora não fosse eu o indicado para enveredar por esse campo de estudo, a apatia dos republicanos leva-me a proseguir na caminhada, a trabalhar e a lutar pelo o que entendo ser vontade forte, desejo ardente e critério sensato.

Erro? Não erro? O caso é que não me satisfazem teorias.

Só bem se aprende demonstrando.

E eu pretendo demonstrar. Pelo menos, fica alvitrado, o que é razoável.

* *

A união republicana é um facto, dizem, e eu acredito.

De futuro, creio-o, os republicanos tratar-se-hão como amigos e nunca permitirão que em seu seio se levantem os dissídios, os ódios e as ambições personalizadas pela intriga e pela corrupção.

Viver-se-há uma época de trabalho proficuo, aturado e insistente.

A paz entrará na familia republicana e nada há que reparar na solidiedade que lealmente tributaremos uns aos outros.

Quanto a mim, penso que é sentimento arraigado e perdurável—sentimento que nos adveio duma convivência que melhor deu a conhecer os homens.

Pois bem.

Desde que assim idealizamos o futuro, sem quebra da independência que cada partido tem, e sem desejo de os arrentar nas suas legítimas e nobres aspirações, procedamos conforme nos dita o pensamento.

Há uma união feita, sincera, sem disfarces?

Provemos a efficácia dessa união.

Como?—interrogam-me aqui do lado.

Da maneira bem simples: A adversidade tem sido dura prova e muito se tem aproveitado desta posição em que nos encontramos. Todos republicanos, entendemos dever reformar as decisões que já deram o seu tempo, e, por uma vez, e para sempre, impôr a nossa formidável vontade, abraçando uma transição que se preocupe em manter íntegros os principios democráticos e em tornar perduráveis as correntes de amizade que devem existir entre nós.

O desequilibrio impressionista que revolucionou os nossos sentimentos deve afastar-se para que se não erga em tentativas desordenadas.

Temos de procurar uma finalidade concreta e que observe esta justeza de principio ditado por

Clémenceau: «um povo que, por indolencia, depois de convulsões de energia, se deixasse boiar ao acaso dos acontecimentos, mostraria simplesmente que lhe é mais fácil conquistar a liberdade do que pôr-se em estado de a usar».

Ora, boiar ao acaso dos acontecimentos—como o proclamou o comandante Aragão e Melo na sua conferência de Coimbra—tem sido a attitude, cômoda talvez, mas pouco inteligente e menos honesta, das pseu-élites do nosso país.

* *

Há que evitar attitudes, cômodas talvez, mas pouco inteligentes e menos honestas. A hora é de trabalho e de ressurgimento. O estudo será tudo, e muito temos de aprender. O futuro o reclama. Cada republicano terá de alvitrar o seu pensamento quanto aos problemas que interessam á colectividade. É um dever. Eu desde já apresento o meu e que se resume na criação de Comissões Municipais da União Republicana, que exerceriam a sua acção até tomarem palavra...

Função das Comissões Municipais da União Republicana

As comissões Municipais da União Republicana seriam criadas para o estudo dum programma mínimo dos mais urgentes problemas concelhios, especialmente os de carácter social, e a sua função cessaria logo que as organizações politicas conquistassem a sua hegemonia.

Compostas de 7 membros efectivos e de 7 substitutos, onde ficassem expressamente representadas todas as correntes de opinião, reunir-se-iam semanalmente e tentariam observar os principios puramente democráticos, assim exercendo uma actividade criteriosa, produtiva e justiciera.

Há depoimentos que reclamam atenção, depoimentos que sintetizam aspirações.

Ao ouvi-los, a uns e outros, inunda-nos esta certeza:

São excessos que açoutam e são deficiências que amarguram.

No campo social, as provas são irrefragáveis e correspondem a uma mentira que se deve combater, quer os ares sejam propiciatórios para os «fortes» quer tenha chegado a hora dos «fracos».

Há que equiparar, nivelar, e nenhum sistema politico o conseguirá senão dentro dos principios salutarés da Democracia.

Pelo que respeita ao nosso concelho—centro dos mais populosos do país—muitos problemas hemos de estudar de modo que a justiça chegue a todos.

- a)—Construção de bairros operários;
- b)—Saneamento cittadino;
- c)—Fundação dum Dispensário de Higiene Social e urgentes medidas atinentes á combate da terrível tuberculose e doenças venéreas;
- d)—Equiparação de salários conforme as exigências da vida; e
- e)—Construção de escolas em todas as freguesias do concelho.

* *

Conforme o espaço que nos dispensarem iremos desenvolvendo cada uma das disposições apresentadas e fazer concordar em que são problemas que só o esforço colectivo poderá solucionar com efficácia e proveito.

1930. L. COELHO

Resposta que não satisfaz

Do snr. Julião Carneiro da Silva, Chefe da Estação dos Correios e Telégrafos, recebemos o officio n.º 820 em que resposta é dada á nossa local «Portas que se fecham» do último número deste jornal.

Diz o signatário que as portas, «que ficam para o largo das Lamelas, foram fechadas porque o público transformou a passagem, primeiro em urinól e depois em retréte», esquecido talvez de que essa razão só prova a falta de vigilancia do servente da Estação Telégrafo-Postal e a pouca consideração pelo público, que não deveria ser medido pela mesma razão.

Em todos os tempos ouve gente-porca, e o facto de ela existir ainda hoje, não quer dizer que o resto da população fique privada do trânsito entre a rua 31 de Janeiro e o Largo das Lamelas.

Que saibamos, a função dos serventes não é outra.

¿Ou a Estação não os possui?

Hotel do Toural

No predio onde se acha instalado o Hotel do Toural, e devido aos esforços do seu proprietário, Snr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães, a quem se fica devendo este grande melhoramento, inaugurou-se no dia 8 do corrente á noite a nova e luxuosa sala de jantar.

O Snr. capitão Luiz de Pina a quem se deve o gosto artistico com que está montada a sala, que tivemos occasião de apreciar, com um conjunto de côres que a tornam um recinto de prazer e bem estar, deve estar satisfeito por ver a sua obra coroada do exito, que ninguem de bom gosto pode regatear.

O Snr. Paulino F. Leite teve a amabilidade de oferecer uma taça de champagne á numerosa assistencia desse dia, da qual faziam parte os representantes da imprensa local e correspondentes dos jornais de Lisboa e Porto.

Ao Snr. capitão Luiz de Pina felicitamo-lo pelo seu gosto artistico e ao Snr. Paulino Ferreira Leite, gerente do hotel, agradecemos a gentileza do convite e desejamos-lhe muitas felicidades.

Congresso de Antropologia

Programa official

O programa official da visita a esta cidade dos congressistas é o seguinte:

Chegada a Guimarães em autocars ás 10 horas da manhã.

Recepção na Sociedade Martins Sarmento sendo-lhe dadas as boas-vindas pelo Presidente da Sociedade, Sr. Dr. Eduardo de Almeida, e respondendo-lhe, talvez, Mr. Marin, antigo ministro francès e grande amigo do: Combatentes da Grande Guerra. Visita aos museus e partida ás 11 e meia para Citania. Refeição no Casal da Ponte á 1 hora.

Regresso a Guimarães. No Casal da Ponte vai ser colocada uma placa em marmore com a seguinte inscriçào:

«Em Setembro de 1880 foi a Citania visitada por alguns membros do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pre-historica.

Em 23—IX—1930 os membros do XV Congresso Internacional com os representantes de varias nações, honraram novamente aquella estância e aqui reünidos homenagiaram a grande obra de Sarmento».

* *

Para a recepção a direcção da S. M. S. vai fazer convites afim, de dar maior imponentia a esse acto.

Block-Notes

PARTIDAS

Partiram para a Povoia do Varzim com Suas Ex.^{mas} familias os nossos amigos e correligionários Snrs. Alberto Teixeira Carneiro, Alberto Gomes Alves e Joaquim Salgado.

—Encontra-se na Povoia de Varzim, com Sua Ex.^{ma} esposa, o nosso amigo e correligionário Snr. Antonio Barbosa de Abreu Guimarães.

CHEGADAS

Encontra-se entre nós de visita as Suas Ex.^{mas} familias os nossos amigos e correligionários Snrs. Antonio Pereira e Rodrigo Graça, dignos escrivães de direito, respectivamente nas Comarcas de Ponte de Lima e Fundão, a quem apresentamos os nossos sinceros cumprimentos.

—Vindo de Almeida chegou a esta cidade o nosso amigo e correligionário Snr. Virgílio Ribeiro Osório, a quem apresentamos os nossos sinceros cumprimentos.

—De regresso da sua ultima viagem comercial a Lisboa, já se encontra entre nós o nosso amigo e correligionário Snr. Antonio Francisco Ferreira de Castro, sócio da firma Jordão & Castro L.d.^a.

Casamento

Consoçou-se no dia 18 do corrente o Snr. Manoel de Oliveira Cosme, filho do nosso amigo Snr. Antonio Francisco de Oliveira e D. Filomena Cosme, com a prendada Senhora D. Rosa Emilia Pereira de Freitas.

Os noivos, após o enlace matrimonial, seguiram para Vila Real a passar a lua de mel.

Muitas felicidades e uma lua de mel indefinida, são os nossos melhores desejos.

Paulo Lobo Machado

Victimado pela terrível tuberculose e após prolongado sofrimento faleceu na sua casa de Creixomil no dia 19 do corrente pelas 4 horas da manhã o Snr. Paulo Lobo Machado, genro e sobrinho afim dos nossos amigos e correligionários, respectivamente, Snrs José Viamonte da Silveira, Domingos Leite Correia Azenha e Abílio Fernandes Guimarães.

A toda a familia, apresentamos os nossos sentidos pesames.

Regimento de Infantaria N.º 8

Fornecimento de Calçado

O Conselho Administrativo do Regimento de Infantaria n.º 8, faz publico que aceita propostas para fornecimento de 1.200 pares de botas, destinados ás praças da próxima incorporação de recrutas, conforme as condições que se acham patentes no mesmo Conselho Administrativo, todos os dias úteis das 13 ás 16 horas, onde tambem serão prestados todos os esclarecimentos relativos a este fornecimento.

Quartel em Braga, 13 de Setembro de 1930.

O Tesoureiro,

Lauro de Barros Lima
Tenente

O suor dos pés

Fétido e nauseante, tomelacções e mortificação do calçado, cura-se com 2 ou 3 applicações de

«TOPI-ZINA»

Usado e aconselhado por muitos médicos, é o único producto de resultados notáveis

e SEM INCONVENIENTES PARA O ORGANISMO.

Vende-se a 12\$00 em todas as farmácias

DEPÓSITOS:

Lisboa — Pestana, Branco & Fernandes, Limitada, Rua dos Sapateiros, 39 - 1.º.

Porto — Drogaria Moura, Limitada, Largo de S. Domingos.

Coimbra — Centro Commercial de Drogas, Limitada, Praça do Comércio, 27.

Envia, sem mais despeza, para qualquer parte;

CORREIA DE MELO

Praça Municipal, 11 — Braga

Assina! «A Velha Guarda»

Não demorem a sua inscriçào de sócios na

A. S. M.

«A PREVIDENTE»

Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:

Assemb. Geral—Dr. José Figueira d'Andradé, advogado
Cons. Fiscal—Dr. Guilherme Machado Braga, médico
Direcção—José Pinheiro, corretor official de vinhos.

Subsidios de sobrevivencia aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessoa a quem o sócio leque o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes á data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivencia

Peçam esclarecimentos ou propostas que serão fornecidos na volta de correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO
TELEPHONE 4-750

Acceptam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães;

O sócio correspondente—Alberto Gomes Alves
Rua da República, n.º 85.